

# A NARRAÇÃO E O SUJEITO NA LÍNGUA ESCRITA: UMA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA

**Autor: Jonas Augusto Fagundes**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Magali Lopes Endruweit**

## Introdução

Durante minha experiência, tanto como aluno quanto monitor, na disciplina de Leitura e Produção de Texto I, onde a metodologia aplicada é aquela proposta pelo professor Paulo Guedes em seu livro *Da redação escolar ao texto: um manual de redação*, ficou bastante evidente que a prática da narração tem um papel decisivo dentro do ensino de texto. O manual parte da ideia de que a narração é o primeiro texto a ser ensinado, passando por textos descritivos e caminhando até a dissertação. Porém, os textos vistos no início da disciplina e, portanto, mais atrelados aos ideais de redação adquiridos no ensino médio apresentavam características majoritariamente dissertativas, como as atitudes de análise e comparação, por exemplo, e também descritivas. A maioria dessas produções, no entanto, falhava em atender os critérios de avaliação, também propostos no manual usado em aula. Embora a narração raramente estivesse em destaque nos primeiros textos, mesmo essa sendo a proposta central do primeiro bloco, no final da disciplina encontramos aspectos narrativos nos textos do último bloco, o de dissertação, bem como uma significativa melhora na qualidade destas produções.

A partir dessa observação, surge a questão: qual a importância da prática da narração dentro do ensino da escrita? Minha hipótese é de que a narração faz emergir na escrita o sujeito que a escreve, pois, sendo prática natural da fala, que sempre pressupõe um interlocutor, empresta dela essa qualidade que é inerente à enunciação, facilitando a possibilidade de troca intersubjetiva entre autor e leitor. Em outras palavras, quem narra é sujeito, seja na língua escrita ou na fala, porque fala de si.

Esta hipótese será verificada através da análise de textos de domínio público que serão avaliados usando os critérios encontrados no livro *Da redação escolar ao texto: um manual de redação*. Como base teórica para a argumentação desta hipótese, faço uso da *Linguística da Enunciação* de Benveniste, aliada aos trabalhos de Walter Benjamin.

## Fundamentação Teórica

- Intersubjetividade: Compreendemos a intersubjetividade como a possibilidade de troca entre as pessoas “eu” e “tu” na instância do discurso (BENVENISTE, 1995, p. 279).
- A escrita, segundo Benveniste: “Toda aquisição da escrita supõe uma série de abstrações. Há uma súbita conversão da língua em imagem da língua. Para o homem em estado de natureza, é algo prodigioso e extremamente difícil. [...] O locutor deve se desprender dessa representação da língua falada quando exteriorização e comunicação.” (BENVENISTE, 2014, p. 130).
- Ausência na escrita: Considerando que, ao contrário do que acontece com o sujeito frente à língua falada, somos formalmente ensinados a escrever (ENDRUWEIT, NUNES, 2013), é necessário compreender que inicialmente não nos é ensinado que, levando em conta o fato de que a escrita nada mais é do que outra instância da fala - sendo sujeita, portanto, às relações de intersubjetividade (BENVENISTE, 1968 - 1969), falta ao aluno a prática do exercício de diálogo natural à fala: falta-lhe a quem falar, falta-lhe um alocutário (ENDRUWEIT, NUNES, 2013).
- Narração: A vivência subjetiva, o que se conta a partir de um ponto de vista único e intransferível. “Ela, [a narração] mergulha a coisa [aquilo que se conta] na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1982, p. 205). É a narração que convida a presença do leitor ou ouvinte, diferente do romance onde no fim não há espaço para perguntas, apenas a reflexão solitária.

## Metodologia

A verificação desta hipótese será feita através da análise de textos de domínio público, como periódicos, jornais e páginas da internet, onde apontarei a presença ou ausência de características narrativas, bem como sua função nos textos em questão. A avaliação desses textos será feita com a ajuda dos critérios propostos pelo Prof.<sup>o</sup> Paulo Guedes, que ele chama de *Qualidades Discursivas*. Busco, também, subsidiar esta hipótese através dos preceitos encontrados na obra de Émile Benveniste, procurando na *Linguística da Enunciação* o suporte teórico para sustentar a importância do estudo da narração dentro do método encontrado em *Da redação escolar ao texto: um manual de redação*.

## Discussão

Voltando a ideia da prática da narração para o ensino da escrita: para aquele que precisa se desprender dos ideais de escrita ensinados pela escola, que visa apenas os padrões do vestibular (escrever – geralmente – sobre eventos correntes e de rara relevância imediata para o aluno), a narração funciona como atalho para que o assunto tratado no texto tenha relação necessária com aquele que o escreve. Narrar, nesse sentido, significa colocar sua vivência em contraste com aquilo que se deseja tratar ou tratar exatamente dessa vivência, da experiência pessoal em questão e o que dela decorre, o que ela significa. Dessa forma, o aluno terá de se ver, invariavelmente, dentro do assunto que pretende tratar no texto e isso dá conta de alguns dos problemas mais comuns relacionados a escrever na escola:

1. primeiro, a tarefa de escrever não é mais apenas motivada pela ordem do professor, mas também por essa relação necessária entre o assunto do texto e a experiência do aluno que escreve, e que, por conta disso, consegue ver a si mesmo como alguém que tem o que dizer sobre a questão que deseja abordar, pois, a partir daquele ponto de vista, daquela experiência que é única e intransferível, só ele (o aluno que escreve), pode falar;
2. segundo, a prática de narrar falando de si obriga aquele que escreve a pensar sobre o assunto, seja este qual for, pois apenas nós mesmos, como narradores de nossa experiência, é quem temos o lugar necessário para narrá-las e, por extensão (não necessária, mas bem vinda e, de preferência, encorajada) discuti-las.

Dito isso, a hipótese é de que a narração faz emergir na escrita o “eu” que a escreve. No entendimento de língua benvenistianiana, o “eu” pressupõe um “tu”, a coexistência deles na linguagem é o que possibilita ela acontecer, nesse sentido, falar em emergência de “eu” implica em emergência de um “tu”. Essa presença, evocada pelo ato de narrar (na escrita), possibilita que o aluno assumo, também, seu lugar na língua escrita como sujeito, uma vez que se enxerga como alguém (eu – quem escreve), falando para outro alguém (tu - leitor). Esse efeito da prática da narração, analisado sob um olhar enunciativo, facilita o movimento de intersubjetividade na escrita (eu-tu).

## Referências

- BENVENISTE, E. 1995. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, São Paulo, Pontes. 387 p.
- BENVENISTE, E. 1989. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, São Paulo, Pontes. 294 p.
- ENDRUWEIT, Magali Lopes; NUNES, Paula Avila. O ensino da escrita visto pela ótica enunciativa: é possível ensinar uma ausência?. In: *Calidoscópico*, v. 11, n. 2, 2013. , p. 204- 213.
- GUEDES, Paulo Coimbra. 2002. *Da redação escolar ao texto: um manual de redação*. Porto Alegre, UFRGS. 317 p.
- BENJAMIN, Walter. 1982. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. Berlin, 1982.